

Cartilha de Preparação



Tema: *Chamados para Estar com Ele e Enviados (Mc 3,14)*
Lema: *Formação Presbiteral para uma Missão Sem-Fronteiras*

4 a 10 de julho de 2010 – Brasília, DF

Congresso Missionário Nacional de Seminaristas
4 a 10 de julho de 2010
Brasília, DF

Cartilha de Preparação

Tema: *Chamados para Estar com Ele e Enviados (Mc 3,14)*
Lema: *Formação Presbiteral para uma Missão Sem-Fronteiras*



Pontifícias Obras Missionárias



Uma Família em Missão

Congresso Missionário Nacional de Seminaristas
Cartilha de Preparação

Direção: Pe. Daniel Lagni

Texto: Pe Savio Corinaldesi, SX

Revisão: João Bosco Nogueira Fontão

Editoração eletrônica: Jovailton Vagner

Edição: POM

Impressão: Gráfica e Editora América

Maio de 2010 – 2 mil exemplares

Pontifícias Obras Missionárias (POM–Brasil)
Todos os direitos reservados
SGAN 905 – Conjunto B – 70790-050 Brasília – DF
Tel.: (61) 3340-4494 – Fax: (61) 3340-8660
Site: www.pom.org.br – E-mail: pom.org.br

Para Começo de Conversa

Queridos seminaristas,

Nossos bispos, em Aparecida, SP (2007), apontaram para “falta de espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação” (DAp 100/e). A palavra é pesada, mas, se eles falaram, está falado... Cabe a nós mudar esta realidade.

De 4 a 10 de julho, celebraremos, se Deus quiser, o primeiro Congresso Missionário Nacional de Seminaristas (CMNS), momento de avaliação e programação de uma caminhada de grandes consequências. Para tanto, é preciso que o Congresso não se reduza aos seis dias de convivência em Brasília. Ele deve ter uma preparação cuidadosa e uma continuidade bem planejada.

O livrinho que você tem nas mãos pretende ajudá-lo na preparação do evento.

Ele convida você – sozinho e em grupo com outros seminaristas – a refletir em alguns pontos fundamentais:

- Recebemos a Boa-Notícia graças à abnegada entrega de 80 gerações de discípulos-missionários que pagaram esse serviço com suor, lágrimas e sangue. Eles nos pedem gratidão e responsabilidade.
- A necessidade de uma resposta comunitária e generosa, em tempos de individualismo e imediatismo.
- O desafio missionário de um mundo no qual os cristãos vão diminuindo, em comparação com outros grupos religiosos.
- As armadilhas que nos aguardam em nosso caminho de discípulos-missionários.
- A defesa da vida dos pobres como teste da autenticidade da nossa fé.

Cada um destes temas será estudado a partir:

- de um lembrete tirado do *Documento de Aparecida (DAp)*;
- da realidade da vida;
- da Palavra de Deus;
- das orientações da Igreja.

Conteúdo da Cartilha:

1. Nossa árvore genealógica	5
2. Um time muito especial.....	11
3. Números que acusam.....	17
4. Aquela armadilha tão bem disfarçada.....	23
5. Missão... sem esquecer a meta.....	31

O Congresso reunirá cerca de 200 seminaristas e formadores de todo o Brasil. É importante que os delegados sejam bem representativos, ou seja, tragam a reflexão de todos os seus colegas. Para isto sugerimos algumas atividades concretas (Preparando o Congresso) e algumas perguntas (Perguntas que não querem calar), em vista da formulação de propostas e diretrizes a serem implementadas no período pós-congresso.

Desejamos a todos um fecundo trabalho de preparação.

Brasília, 4 de abril de 2010.

Páscoa da Ressurreição do Senhor

A Coordenação

1. Nossa Árvore Genealógica

Tema

A dimensão humano-afetiva da formação presbiteral, para uma Missão sem-fronteiras.

Em Aparecida nossos bispos disseram

“Ressalta-se a **abnegada entrega** de tantos missionários e missionárias que, até o dia de hoje, têm desenvolvido valiosa obra evangelizadora e de promoção humana em todos os nossos povos, com multiplicidade de obras e serviços” (DAP 99d).

E disseram também

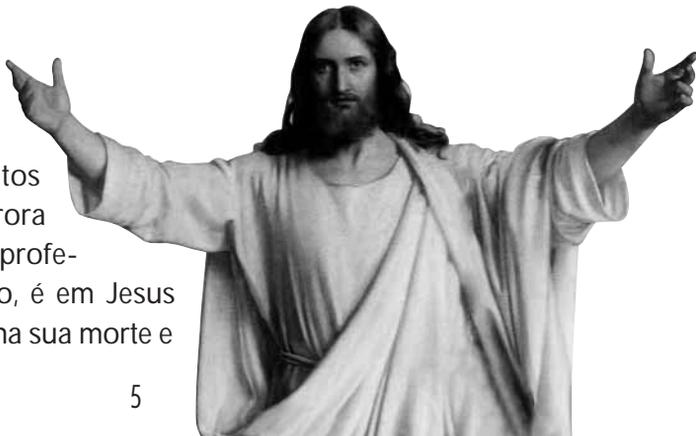
Estimula-nos o testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos, que têm chegado a compartilhar a cruz de Cristo até à entrega da própria vida (DAP 140).

Nossas comunidades levam o selo dos Apóstolos e, além disso, reconhecem o testemunho cristão de tantos homens e mulheres que espalharam em nossa geografia as sementes do Evangelho, vivendo valentemente sua fé, inclusive derramando seu sangue como mártires (DAP 275).

A vida como ela é

O Caminho da Palavra

A história da Salvação começa no coração da Santíssima Trindade: vem, portanto, da eternidade, e, depois da criação do mundo, “muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas” (Hb 1,1). No entanto, é em Jesus Cristo, mais exatamente na sua morte e



ressurreição, que todos fomos salvos.

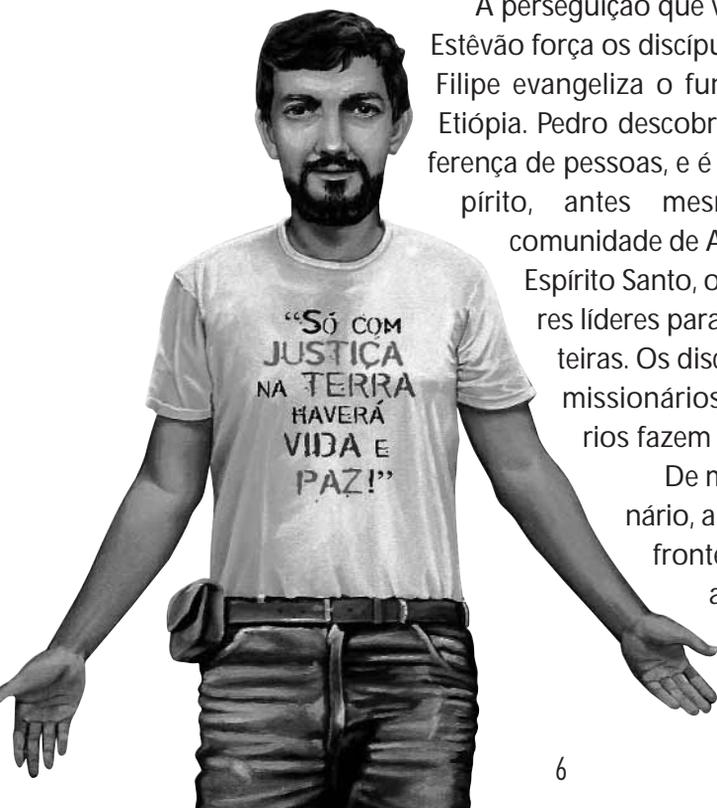
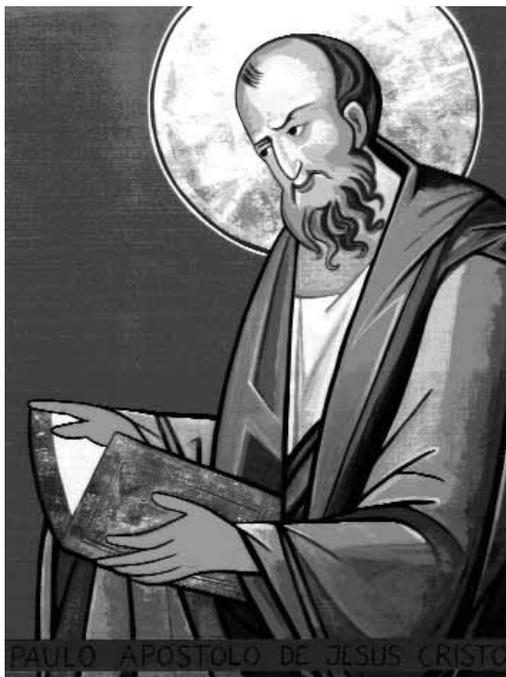
A passagem do Salvador pelo mundo tem lugar e data marcada: a Palestina, dois mil anos atrás. Para chegar da Palestina daquele tempo ao Brasil de hoje, a Boa-Notícia percorreu dez mil quilômetros, e passou por oitenta gerações de missionários e missionárias. Como foi?

Ao despedir-se dos seus discípulos, Jesus deu a ordem: tornar todos os povos discípulos. No dia de Pentecostes, foi como que o ensaio geral: a Palavra é anunciada em todas as línguas, e é vivida em comunidade (comunidade cristã de Jerusalém:

“um só coração e uma só alma”).

A perseguição que veio depois da morte de Estêvão força os discípulos a sair de Jerusalém. Filipe evangeliza o funcionário da rainha da Etiópia. Pedro descobre que Deus não faz diferença de pessoas, e é capaz de enviar seu Espírito, antes mesmo do Batismo. A comunidade de Antioquia, por ordem do Espírito Santo, oferece seus dois melhores líderes para evangelizar além-fronteiras. Os discípulos vão se tornando missionários. Discípulos-missionários fazem novos discípulos.

De missionário para missionário, a Boa-Notícia atravessou fronteiras, venceu distâncias, abriu portas: a Judeia, a Samaria, a Ásia Menor, o Império Romano, o Oriente, a África...





Quando os espanhóis e portugueses atravessaram o Oceano e descobriram o continente americano, junto com os comerciantes, os soldados, os funcionários dos reis, vieram também os missionários de Cristo, trazendo a Boa-Notícia nas terras recém-descobertas.

A América espanhola pode arrogar-se o mérito da existência de uma plêiade de homens firmemente devotados à difusão do Evangelho, sob circunstâncias muitas vezes desfavoráveis. Eram pobres, devotos, rigorosos na educação teológica que haviam recebido, extremamente conscientes de seus deveres, e pouco inclinados a deixar-se impressionar pela interferência do poder civil. Não

é de modo algum uma coincidência que as condições coloniais tenham levado a maioria deles a se destacar como defensores de índios: Antonio de Valdivieso (Nicarágua); Juan del Valle, em Popayán (Colômbia); Pedro de La Pena, em Quito (Equador); Alfonso Toribio de Mogro-vejo, em Lima (Peru); e Domingo de Santo Tomás, em La Plata (Argentina), são apenas alguns dos nomes dentre os muitos que merecem menção (cf. *América Latina Colonial*, Edusp, 1997, p. 527).



O preço da Missão

Não foi tarefa fácil: os discípulos de Jesus tiveram de derramar suor, lágrimas, e também sangue, para realizar a Missão a eles confiada. Quem trabalha pelo Reino de Deus encontra oposição, e até morte.

A Palavra de Deus

Paulo, o modelo de todos os missionários, relata os sofrimentos seus e de todos os missionários: trabalhos, prisões, açoites; perigos de morte; chicotadas; apedrejamentos; naufrágios; viagens perigosas, assaltos, insídias de estranhos e até de compatriotas e falsos irmãos, na cidade e em regiões desertas, no mar; trabalhos e fadigas, vigílias, fome e sede, jejuns, frio e nudez; e preocupações de cada dia, a solicitude por todas as Igrejas (cf. *2Cor* 11,23-28)...

Mil e quinhentos anos depois, a realidade não havia mudado

Inácio de Azevedo nasceu no Porto, em 1526. Aos 23 anos já tinha entrado na Companhia de Jesus, ocupando vários serviços. Era ardoroso pelas Missões além-fronteiras. Enviado para o Brasil, logo viu a necessidade de mais missionários. Voltou então à Espanha, e conseguiu juntar novos missionários. Na viagem de volta ao Brasil, seu navio foi interceptado por piratas, e Inácio, com seus 39 companheiros, foram jogados ao mar.

E hoje?

No dia 24 de julho de 1985, o Pe. Ezequiel Ramin, missionário comboniano, 33 anos, foi assassinado durante uma Missão de paz no Estado de Rondônia. Estava no Brasil há apenas um ano. Na saída de uma curva, sete homens armados, em posição de tiro, o esperavam. O Pe. Ezequiel foi atingido. Caiu cerca de 50 metros depois. Um homem veio, e, à queima-roupa, descarregou nele a espingarda.

A Igreja já vem falando faz tempo



“Os arautos do Evangelho, com frequência ignorados, esquecidos ou perseguidos, que gastam a vida nas linhas de frente missionárias da Igreja, têm um modelo perfeito de consagração e fidelidade em Maria, que ‘se

consagrou plenamente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho' (*Lumen Gentium*, 56). Assim, pois, por ocasião do Dia Mundial das Missões, rendo cordial homenagem ao empenho generoso e, às vezes, também em nossos dias, heróico até o martírio, dos missionários e missionárias espalhados por todos os continentes, e faço chegar a eles e a todas as famílias religiosas e seculares, de varões e de mulheres, dedicados à Missão, como componente fundamental de sua consagração, uma afetuosa saudação e um fervoroso estímulo, em nome de toda a Igreja, exortando-os a não se desanimar diante das dificuldades de seu apostolado, a confiar em Maria e a seguir seus passos" (Papa João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 1988).



"Agradeçamos ao Senhor pelos frutos desta cooperação missionária obtidos na África e em outras regiões da terra. Inúmeros sacerdotes, após deixar as comunidades de origem, depositaram suas energias apostólicas ao serviço de comunidades que, às vezes, acabavam de nascer, em zonas de pobreza e em desenvolvimento. Entre eles há não poucos mártires que, ao testemunho

da Palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida. Nem podemos esquecer os muitos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, junto com os presbíteros, se arriscam para difundir o Evangelho até os extremos confins do mundo... Peçamos a Deus que o exemplo deles suscite em todos os lugares novas vocações e renovada consciência missionária no povo cristão. Com efeito, toda comunidade cristã nasce missionária, e é justamente em a base da coragem que se mede o amor dos fiéis por seu Senhor. Poderemos assim dizer que, para cada fiel, não se trata simplesmente de colaborar para a atividade de evangelização, mas de sentir-se eles mesmos protagonistas e corresponsáveis pela Missão da Igreja. Esta corresponsabilidade requer que cresça a comunhão entre as comunidades e se incremente a ajuda recíproca no que concerne seja aos membros (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos voluntários), seja à utilização dos meios hoje necessários para evangelizar" (Papa Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 2007).

Preparando o Congresso

A Missão custa. Custa caro. Custa sempre. Para chegar até nós, a Palavra de Deus passou por setenta gerações de missionários e missionárias, que pagaram com suor, lágrimas e sangue. Vamos descobrir a árvore genealógica da nossa fé, reconstruindo a história da chegada da Boa-Notícia até nós.

1. Como cultivamos no seminário a memória e a gratidão por aqueles que podemos considerar nossos pais na fé?
2. A corrente de graça que saiu do Cenáculo e chegou até mim não pode ser interrompida. Quais as iniciativas que mais favorecem o crescimento da responsabilidade missionária dos seminaristas?

Perguntas que não querem calar

1. A quem devo a fé que dá sentido à minha vida?
2. Descobrir os fundadores da comunidade em que nasci.

2. Um Time muito Especial

Tema

A dimensão comunitária da formação presbiteral para uma Missão sem-fronteiras.

Em Aparecida nossos bispos afirmaram

“Somos Igrejas pobres, mas ‘devemos dar a partir de nossa pobreza, e a partir da alegria de nossa fé’, e isto, sem descarregar sobre alguns poucos enviados o compromisso que é de toda a comunidade cristã” (*DAP* 379).

E disseram também

“Apesar dos aspectos positivos que nos alegram na esperança, observamos sombras, entre as quais mencionamos as seguintes: o número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente da celebração da Eucaristia. (...) A isto se acrescenta a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada. Falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação. (...) Falta solidariedade na comunhão de bens no interior das Igrejas locais e entre elas” (*DAP* 100).

A vida como ela é

É Concebível um Sacerdote sem Vida de Comunidade?

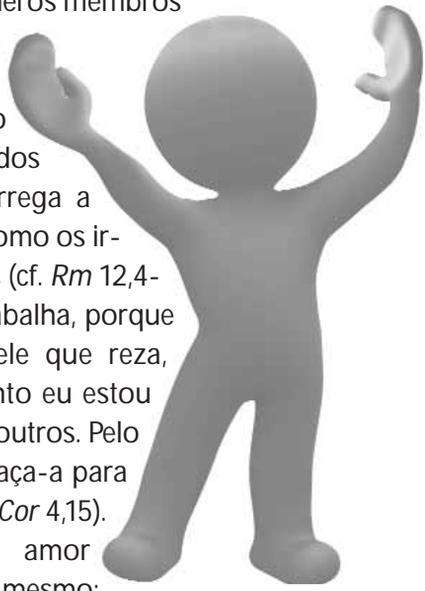
O Cântico da Comunidade Cristã

“É importante que os irmãos vivam entre si em grande amor. Seja que orem, seja que leiam as Escrituras, seja que se ocupem de algum trabalho, eles devem ter como fundamento o amor fraterno. Desta forma, será possível saborear a alegria da participação nessas diversas ocupações, e a todos aqueles que rezam, a todos aqueles que leem, a todos aqueles que trabalham, será dado edificar-se reciprocamente, na transparência da alma e na simplicidade.



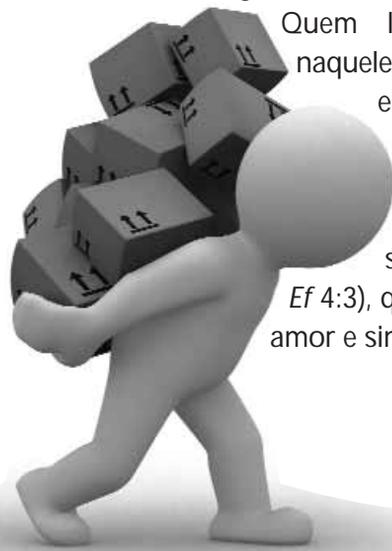
Façam o que fizerem, os irmãos devem mostrar-se bondosos e amáveis com os outros. Quem trabalha deste jeito dirá daquele que reza: eu também possuo o tesouro do meu irmão, pois nós o temos comum. Do seu lado, aquele que reza diz daquele que lê: eu também fico enriquecido pelo benefício que ele recebe da sua leitura! E aquele que trabalha dirá: é no interesse da comunidade que executo este serviço. Os inúmeros membros

do corpo só formam um corpo, eles se ajudam mutuamente, cada um realizando a sua tarefa. O olho vê para o corpo inteiro; a mão trabalha para todos os outros membros; o pé, caminhando, carrega a todos: todos sofrem, assim que um sofre. Eis como os irmãos devem comportar-se uns com os outros (cf. *Rm 12,4-5*). Aquele que reza não julgará aquele que trabalha, porque não reza. Quem trabalha não julgará aquele que reza, dizendo: olha esse que perde tempo, enquanto eu estou aqui trabalhando! Quem serve não julgará os outros. Pelo contrário, cada um, qualquer coisa que faça, faça-a para a glória de Deus (cf. *1Cor 10,31; 2Cor 4,15*).



Quem lê pensará com amor naquele que reza e dirá a si mesmo:

ele reza também por mim. E aquele que reza pensará a respeito daquele que trabalha: o que ele faz, faz em benefício de toda a comunidade. Assim, uma grande concórdia e uma serena harmonia criarão o vínculo da paz (cf. *Ef 4:3*), que os unirá mutuamente e os fará viver com amor e simplicidade, sob o olhar benevolente de Deus."



(Anônimo do século 4º, *PG 34, 467*)

A Palavra de Deus

Do Evangelho de Mateus

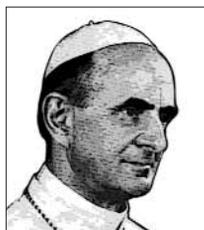
Chamando os doze discípulos, Jesus deu-lhes poder para expulsar os espíritos impuros e curar todo tipo de doença e de doença... Jesus enviou esses doze, com as seguintes recomendações:

“Não deveis ir aos territórios dos pagãos, nem entrar nas cidades dos samaritanos! Ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel! No vosso caminho, proclamai: ‘O Reino dos Céus está próximo.’ Curai doentes, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expulsai demônios. De graça recebestes, de graça deveis dar! Não leveis ouro, nem prata, nem dinheiro na cintura; nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão, pois o trabalhador tem direito ao seu sustento” (Mt 10,1-10).

A Igreja já vem falando faz tempo



“Veneráveis Irmãos, é para o vosso devotamento todo especial que apelamos; não poderíeis dar melhor penhor do vosso amor à Igreja, senão velando com cioso cuidado pelos germes de vocação apostólica que um ou outro sacerdote ou seminarista da vossa diocese vier a revelar. Não vos deixeis influenciar nem por tal suposto bem a assegurar, nem por nenhum cálculo humano, e não penseis que, autorizando subordinados a partir para as Missões estrangeiras, causeis prejuízo à vossa diocese: por um padre que tiverdes dado às Missões longínquas, Deus suscitará em torno de vós vários outros obreiros ativos na vossa diocese” (Papa Pio XII, Encíclica *Maximum Illud*, 34).



“Os bispos, conhecendo a necessidade urgente da evangelização do mundo, devem promover as vocações missionárias entre seus clérigos e seus jovens, oferecendo inclusive aos institutos dedicados à obra missionária os meios e a ocasião para tornar conhecidas as necessidades das Missões e suscitar as vocações na diocese” (Papa Paulo VI, Motu Proprio *Ecclesiae Sanctae*, promulgando as normas executórias do Decreto *Ad Gentes*, nº 6).



“Todos os membros da Igreja, sem exceção, “devem ter viva consciência da sua responsabilidade diante do mundo, favorecer em si mesmos o espírito verdadeiramente católico, e consagrar as próprias energias à obra de evangelização (AG 36). O espírito missionário e o espírito católico são a mesma coisa, assim afirmou a importante Encíclica *Fidei Donum*, do Papa Pio XII (n° 17). Por ser a falta de “operários

da vinha do Senhor” um dos maiores obstáculos para a difusão da mensagem de Cristo, aproveito esta ocasião para exortar todos os bispos, em seu trabalho de ajuda e promoção das obras de evangelização, a que enviem generosamente sacerdotes de suas dioceses às regiões que mais urgentemente necessitem deles, mesmo no caso em que tais dioceses não tenham abundância de clero. “Não se trata” – recordava Pio XII, citando São Paulo – “de reduzi-los à penúria, para socorrer os demais, mas de aplicar o princípio de igualdade (2Cor 8,13). Essas dioceses tão providas não sejam surdas, todavia, ao clamor das Missões distantes. O óbolo da viúva foi citado como exemplo por Nosso Senhor, e a generosidade de uma diocese pobre para com outras mais pobres não poderia empobrecê-la. Ninguém é mais generoso que Deus” (João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 1982).

“Não posso terminar este *Mensagem*, sem abrir meu coração especialmente a vós, os jovens, que sois o sinal da vitalidade e a grande esperança da Igreja. O futuro da Missão e das vocações missionárias depende da generosidade da vossa resposta ao chamado de Deus, ao Seu convite a consagrar a vida ao anúncio do Evangelho. Aprendei, também vós, de Maria a dizer o ‘sim’ da adesão plena, alegre e fiel à vontade do Pai e ao Seu desígnio de amor” (João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 1988).



“Diante do avanço da cultura secularizada, que às vezes parece penetrar sempre mais nas sociedades ocidentais, considerando, também a crise da família, a diminuição das vocações e o progressivo envelhecimento do clero, essas Igrejas correm o risco de fechar-se em si mesmas, de olhar com reduzida esperança para o futuro e de refrear seu esforço missionário. Mas é justamente este o momento de

abrir-se com confiança à Providência de Deus, que nunca abandona o Seu povo e que, com a força do Espírito Santo, guia-o em direção à realização do

Seu eterno desígnio de Salvação" (Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 2007).

Preparando o Congresso

Já há gente se virando...

Carta dos Participantes do 2º Curso de Formação Missionária de Seminaristas (Formise) aos Senhores Bispos

Nós, 34 seminaristas de 15 dioceses de todos os Regionais do Nordeste, estivemos reunidos em Fortaleza, CE, de 7 a 11 de julho, no 2º Curso de Formação Missionária para Seminaristas (Formise) do Nordeste, organizada pelo Conselho Missionário do Seminário (Comise), no Seminário Arquidiocesano de Teologia São José. Este encontro foi voltado para o seguinte objetivo: "À luz do Concílio Vaticano II e da Conferência de Aparecida, gerar um ambiente de formação e qualificação dos seminaristas, futuros presbíteros, para, no exercício da Missão, sob o impulso do Espírito Santo, anunciar, pelo testemunho e ação, Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que todos os povos tenham vida, e a tenham em abundância...

Foi-nos apresentado o trabalho e a organização dos missionários em terras brasileiras. Conscientes da necessidade de fomentar vocações missionárias "fidei donum" nas dioceses e, principalmente, nos seminários, vimos, por meio desta, solicitar aos bispos do Brasil a elaboração de Diretrizes para a preparação, o envio e o trabalho dos missionários "fidei donum" no Brasil e além-fronteiras. Cremos que estas orientações ajudarão na tarefa de promoção missionária entre os seminaristas e sacerdotes de nossas dioceses.

Certos da atenção do episcopado brasileiro a esta solicitação, reiteramos nossa estima e desejo de, juntos, no espírito de Aparecida, tornar nossa Igreja no Brasil cada vez mais missionária e comprometida com a Missão universal.

Fortaleza, 11 de julho de 2008.

Seminaristas participantes do 2º Formise

1. O que achamos deste pedido dos colegas do 2º Formise?

2. Nossos bispos, em Aparecida, lamentam:

- a não equitativa distribuição do clero (o que indica falta de disponibilidade);
- a falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação;
- a falta de solidariedade na comunhão de bens.

Esta denúncia certamente exige mudanças na formação do seminário. Quais iniciativas já foram tomadas para corrigir essas falhas?

3. Fazer o levantamento dos missionários e missionárias saídos de nossas comunidades e atualmente na Missão além-fronteiras (cf. www.alemfronteiras.org.br).

Perguntas que não querem calar

Para fortalecer a comunhão com nossos missionários e missionárias, aconselha-se usar a correspondência, a oração, a ajuda financeira. Como isto ocorre em nosso seminário?

3. Números Que Acusam

Tema

A dimensão espiritual da formação presbiteral para uma Missão sem-fronteiras.

Em Aparecida, nossos bispos nos disseram

“Nosso desejo é que esta 5ª Conferência seja um estímulo para que muitos discípulos de nossas Igrejas vão e evangelizem na outra margem. **A fé fica fortalecida, quando é transmitida**, e é preciso que em nosso continente entremos em uma nova primavera da Missão ‘ad gentes’” (DAp 379).

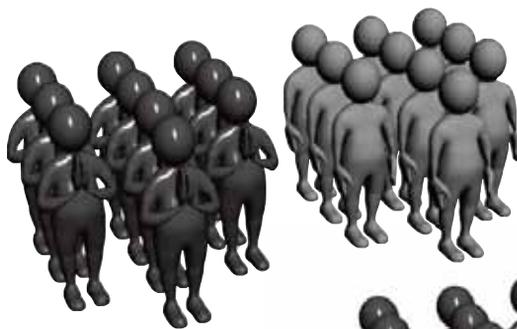
A vida como ela é

No ano de 1919, o Papa Bento XV publicou uma Carta Apostólica na qual dizia: “Diante da lembrança da tarefa imensa realizada pelos missionários para a difusão da fé pelo mundo, do zelo incansável por eles desenvolvido, e dos sublimes exemplos de invencível coragem que eles nos deixaram, fica-se dolorosamente surpreso de ainda haver inúmeros homens assentes nas trevas e na sombra da morte; a nos basearmos nos últimos dados, conta-se **um bilhão de pagãos** (*Maximum Illud*, 6).

Quarenta anos depois – durante o Concílio Vaticano II – o número de habitantes da terra tinha subido para 3 bilhões, 60% dos quais não cristãos, e 40% cristãos.

Em 1990, o Papa João Paulo II publica sua Encíclica missionária *Redemptoris Missio*, na qual lamenta:

“O número dos que ignoram Cristo e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, desde o final do Concílio. A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o Seu Filho, é evidente a urgência da Missão” (*Redemptoris Missio*, 3).



1919

Habitantes: 2.000.000.000

Cristãos: 1.000.000.000 (50%)

Não cristãos: 1.000.000.000 (50%)



1960

Habitantes: 3.000.000.000

Cristãos: 1.200.000.000 (40%)

Não cristãos: 1.800.000.000 (60%)

Pormenorizando a situação, o Papa explica

“Olhando o mundo de hoje, do ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações distintas:

- 1ª situação: Povos, grupos humanos, contextos socioculturais nos quais Cristo e o Seu Evangelho não são conhecidos, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos: esta é propriamente a Missão ad gentes (70% da humanidade).
- 2ª situação: Comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso pela Missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja (3% da humanidade).
- 3ª situação: Realidade intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, nas quais grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo mais como membros da Igreja e levando uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Nesse caso, torna-se necessária uma “nova evangelização”, ou “reevangelização” (27% da humanidade).



70 precisam da Missão "ad gentes"



27 precisam da Nova Evangelização



3 precisam do serviço pastoral

A Palavra de Deus

“Paulo e Timóteo atravessaram a Frígia e a região da Galácia, pois o Espírito Santo os havia impedido de proclamar a Palavra na Ásia.

Chegando perto da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu. Então atravessaram a Mísia e desceram para Trôade.

Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava, de pé, um macedônio que lhe suplicava:

– Vem para a Macedônia e ajuda-nos!

Depois dessa visão, procuramos partir imediatamente para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para anunciar-lhes a Boa-Nova.”

(At 16,6-10)

A Igreja já vem falando faz tempo

Os seminaristas “sejam imbuídos de verdadeiro espírito apostólico, para se habituarem a ultrapassar os limites da própria diocese, nação ou rito, e a ajudar nas necessidades de toda a Igreja, dispostos a pregar o Evangelho em toda a parte. (OT 20). Nos seminários é preciso despertar em todos os futuros sacerdotes uma espiritualidade sacerdotal aberta à universalidade da Igreja, à Missão redentora de Cristo, que deve realizar-se em toda a terra. Escreve Santo Agostinho: “Se queres amar Cristo, tua caridade abarque todo o mundo”; e o que deve acontecer em todos os cristãos deve de modo especial brilhar nos sacerdotes, os quais, como recomendou São Pedro, devem tornar-se modelo do rebanho. E como o zelo pelas ‘ovelhas perdidas’ deve ser vivíssimo em todos os que foram consagrados ao ministério ou a ele se preparam, é necessário formar os sacerdotes em uma espiritualidade apostólica aberta também aos horizontes missionários, onde estão em jogo os grandes destinos da humanidade em vista do plano da redenção” (Congregação pela Evangelização dos Povos, *Formação Missionária dos Futuros Sacerdotes*, 17/5/1970).

Preparando o Congresso

Vocês Possuem a Verdade...

Estudei sua religião e convenci-me de que sua filosofia pode levar a paz duradoura a todas as nações. Mas vocês, os católicos, não seguiram o mandamento do seu divino Mestre.

Olhem, por exemplo, o meu país. Temos 90 milhões de habitantes [agora são 120 milhões], mas vocês que declaram cuidar de todos os homens, enviaram para lá somente umas poucas centenas de missionários, enquanto seria necessário alguns milhares.

Depois da guerra, por 30 anos, nós japoneses buscamos desesperadamente um novo modo de vida. Fomos para os Estados Unidos. E o que conseguimos? Carros, máquinas, cinema, rádios, televisão. Fomos para Inglaterra, e ela nos apresentou, de um lado, uma forte organização de classes, e, de outro, a industrialização das massas. Fomos para Rússia, e os russos nos ofereceram Karl Marx. Tudo isso não é suficiente.

Eu me dirijo a vocês e os censuro, pois possuem a verdade, e não fazem nada para levá-la a nossos 90 milhões [agora são 120 milhões] de habitantes.

(Professor japonês a James Keller, diretor da revista *Catholic Digest*)

1. Se essa pergunta fosse dirigida aos seminaristas do seu seminário, o que poderiam responder?
2. O que acha da ideia de se instituir no Brasil o **dízimo sacerdotal**? (Dízimo sacerdotal é a proposta de destinar à Missão universal da Igreja 10% do clero de cada diocese (em Antioquia, o Espírito Santo exigiu 40% – cf *At* 13,1).

Perguntas que não querem calar

1. Como o seminário informa os seminaristas acerca da situação do mundo do ponto de vista da evangelização?
2. Em nosso estágio pastoral nos fins de semana e nas férias, nossa atenção de seminaristas vai preferencialmente em direção daqueles que estão “na outra margem”?

4. Aquela Armadilha tão bem Disfarçada...

Tema

A dimensão intelectual da formação presbiteral para uma Missão sem-fronteiras.

Em Aparecida os bispos foram taxativos

“Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem-fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (DAP 376).

A vida como ela é

Caminhos da Missão

Nesta semana a Diocese de Jales teve a honra de receber a visita do Arcebispo de Trichur (Índia), D. Andrews Thazhath. Ele veio visitar os padres indianos que trabalham em nossa diocese. Aqui eles são quatro. Mas, espalhados pelo mundo, passam de quarenta os padres da Arquidiocese de Trichur que se encontram em Missão, em diversos países e em diversas circunstâncias.

Foram muito bonitas as celebrações feitas com a presença do arcebispo, em São José Operário e em Mira a Estrela. A alegria brilhava no rosto de todos. O povo contente com a ilustre visita, e o arcebispo feliz de ver seus padres acolhidos pelo povo. Tomava forma a bonita utopia que sempre acompanha a Missão da Igreja, de reunir a humanidade numa só família, “de todos os povos, línguas e nações”.

A visita do arcebispo indiano veio bem a propósito deste Domingo das Missões. Os dados estatísticos da Índia impressionam, e fazem pensar no tamanho do desafio missionário da Igreja naquele país de mais de um bilhão de habitantes, onde os cristãos, todos juntos, só chegam a 2,3% da população. Cifras que não espelham a importância da Igreja na Índia, pois os católicos, que não passam de 1,5% da população, são responsá-



• Lyon

• Arles

• Roma

Atenas

• Elvira

• Cartago

Norte da África Romano

Mediterrâneo

• Cirene

Alexandria

EGITO

Deserto do Saara

• Elefantina

Nílo

• Meroé

• Axum

ETIÓPIA

UGANDA

Mar Negro

ARMÊNIA

ÁSIA MENOR

• Éfeso

• Antioquia

• Damasco

• Jerusalém

Nísibis

• Edessa

Eufrates

Mar Cáspio

Tigre

• Arbela

• Selêucia - Ctesifonte

• Babilônia

Lago d'Aral

Oxus

Sogdiana Balkh

• Merv

IMPÉRIO PERSA

Mar Arábico

Mapa-Múndi nos Inícios do Cristianismo



veis por aproximadamente 30% das escolas, hospitais, orfanatos e outras obras sociais, promovidas em benefício de toda a população indiana.

Mas a Igreja na Índia, sobretudo no Estado do Querala, no sul, onde a presença de cristãos é mais expressiva, chegando hoje a 19% da população, carrega uma história muito interessante, e reveladora de um dado muito importante para entendermos a propagação do Evangelho no mundo.

A Igreja na Índia foi fundada por São Tomé, um dos doze Apóstolos. A história comprova sua chegada no ano 52, e seu martírio em 72. Fundou sete Igrejas no Querala, e marcou presença também em outras regiões da Índia.

A pergunta que intriga é saber como São Tomé foi parar tão longe, numa direção oposta à expansão inicial da Igreja, que tinha tomado o rumo do Império Romano. Ele, ao contrário, embrenhou-se em direção à Ásia meridional, passando pelos atuais territórios da Arábia, do Iraque, do Irã, do Afeganistão, do Paquistão, indo parar no extremo sul da Índia. Pareceria que tivesse se desgarrado e se perdido na imensidão da Ásia.

Mas, não! Como explicou D. Andrews, por lá havia, naquele tempo, forte presença de judeus, e de outros mercadores, ao longo de toda a costa ocidental da Índia. Assim se explica como São Tomé chegou lá. Não foi sozinho. Aproveitou a estrada aberta por outros.

Daí brota uma importante constatação, de ordem missionária: o Evangelho precisa ser precedido de rotas humanas, por onde ele possa percorrer os caminhos do mundo. Não é por acaso que João foi enviado à frente, "para preparar os caminhos do Senhor". Pela dinâmica da Encarnação, o Evangelho depende de fatores humanos.

Não se entende sua propagação pela Europa, sem o eficiente sistema viário implantado pelo Império Romano. A própria dispersão dos judeus, sua "diáspora" pelo mundo, serviu de veículo para a propagação do Evangelho. É um tributo, que a Igreja precisa reconhecer aos judeus, e que poderá fortalecer a estima recíproca.

Fato semelhante é atestado pelos *Atos dos Apóstolos*. Foi "pegando carona" com um etíope, administrador da Rainha de Candace, que o Diácono Felipe pregou o Evangelho, que foi levado para a Etiópia, onde suscitou a Igreja, que lá está até hoje.

A pergunta precisa ser feita de novo: que caronas o Evangelho pode pegar nos tempos de hoje, ou que novas rotas precisam ser abertas pelos

missionários, para que o Evangelho possa chegar aos destinatários que o estão esperando?

Ao contrário de amaldiçoar a globalização, podemos descobrir nela preciosas oportunidades para propagar o Evangelho de Cristo. Contanto que nos demos conta de sua importância e de sua urgência.

D. Demétrio Valentini, Bispo de Jales, SP, e Presidente da Cáritas Brasileira

Na Escola de Quem?

Nos colégios mais religiosos, outrora e até os nossos dias, o estudo das sociedades pagãs da Antiguidade impunha-se como o mais nobre. Os regimes escravocratas, as tiranias babilônicas e outras criações da antiga sabedoria rechearam os nossos espíritos. Mas a nossa cultura de jovens cristãos ignorou tranquilamente a existência dessa (dos Guaranis) república cristã, "triunfo da humanidade", por muitos motivos, segundo a palavra do próprio Voltaire.

(Clovis Lugon, *A República "Comunista" Cristã dos Guaranis, 1610-1768*, Paz e Terra: São Paulo, 1976)

A Palavra de Deus

"De madrugada, quando ainda estava bem escuro, Jesus se levantou e saiu rumo a um lugar deserto. Lá, ele orava. Simão e os que estavam com ele se puseram a procurá-lo. E, quando o encontraram, disseram-lhe:

– Todos te procuram.

Jesus respondeu:

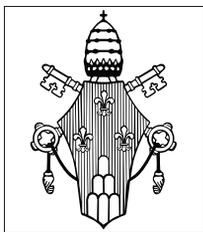
– Vamos a outros lugares, nas aldeias da redondeza, a fim de que, lá também, eu proclame a Boa-Nova. Pois foi para isso que eu saí.

E foi proclamando nas sinagogas por toda a Galileia, e expulsava os demônios." (Mc 1,35-39).

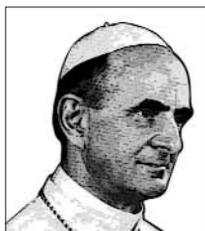
A Igreja já vem falando faz tempo



“Quando puderem, e onde se lhes oferecer oportunidade, (os sacerdotes) preguem ao povo em favor das Missões entre os infiéis; e procurem, por sua vez, que em dias e reuniões pré-fixadas se ventile este assunto em comum e com proveito; divulguem escritos de propaganda missionária; e, se porventura encontrarem alguém que pareça revelar indícios de vocação apostólica, proporcionem-lhes os meios de uma formação e educação missionária congruente. Fomentem, quanto puderem, em suas dioceses, a Obra da Propagação da Fé, e as outras Obras missionárias que a complementam. Vós mesmos, Veneráveis Irmãos, quase todos protetores e impulsioneiros que sois deste movimento em vossas dioceses, não só sois testemunhas das muitas esmolas que a União Missionária recolheu a favor destas Obras, mas também do muito que promete arrecadar, visto que cada ano aumenta a generosidade dos fiéis. É de desejar que **não exista um só clérigo em no qual não arda este sagrado fogo de caridade pelo apostolado missionário**” (Pio XI, Encíclica *Rerum Ecclesiae*, 9).



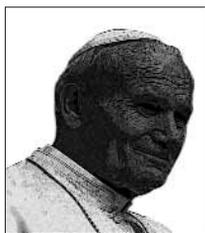
“Os professores dos seminários e universidades elucidarão os alunos sobre a verdadeira situação do mundo e da Igreja, para que abram os olhos à necessidade duma evangelização mais intensa dos não cristãos, e o seu zelo se acenda. E, ao ensinar as questões dogmáticas, bíblicas, morais e históricas, chamem a atenção para os aspectos missionários nelas contidas, para desse modo se ir formando a consciência missionária dos futuros sacerdotes” (*Ad Gentes*, 39).



“A Teologia da Missão será inserida no ensino e no desenvolver progressivo da doutrina teológica, de forma que ponha em plena luz a natureza missionária da Igreja. Mais: preste-se atenção às vias do Senhor em preparação ao Evangelho e à possibilidade de salvação dos que não são evangelizados. Inculcar-se-á também a necessidade da evangelização e

da incorporação na Igreja (*Ad Gentes*, 1). Tudo isto há de se ter presente, quando se reorganizarem os estudos nos seminários e universidades (*Ad Gentes*, 39)" (Papa Paulo VI, *Ecclesiae Sanctae*, 13/8/1966, III, 1).

"Como a respiração nunca pode interromper-se, sob pena de morte, assim o anseio missionário não se pode limitar a um único Dia anual, se não se quiser correr o risco de comprometer o futuro da Igreja e a nossa própria existência cristã. Por tal motivo, no importante documento pós-conciliar *Ecclesiae Sanctae* (III, 3), com o qual se aplicam à pastoral prática as normas conciliares, afirma-se que o Dia Mundial das Missões deve ser a expressão espontânea de um espírito missionário mantido vivo todos os dias, mediante orações e sacrifícios cotidianos. A asfixia espiritual na qual hoje tristemente se debatem no seio da Igreja Católica tantos indivíduos e instituições não terá talvez a sua origem na prolongada ausência de um autêntico espírito missionário?" (Paulo VI, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 1972*).



"Não deve haver, pois, nas Igrejas particulares, nenhum fechamento, isolamento ou apego egoísta no âmbito exclusivo e limitado dos próprios problemas. Ao contrário, o impulso vital perderia sua força e conduziria inevitavelmente a um pernicioso empobrecimento de toda a vida espiritual (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 64; *Postquam Apostoli*, 14: l.c., p. 353)" (João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 1982*).

Preparando o Congresso

O Papa Pio XI escreveu: "É de desejar que não exista um só clérigo no qual não arda este sagrado fogo de caridade pelo apostolado missionário" (*Rerum Ecclesiae*, 9).

A tarefa do Comise é, justamente, a de acender e manter vivo esse fogo de amor pelo apostolado missionário.

No intuito de ajudar-nos mutuamente, vamos levar ao Congresso nossas experiências de animação missionária dos seminaristas.

Perguntas que não querem calar

1. No seminário, quais providências tomamos para evitar a armadilha de que falam nossos bispos?
2. Como construímos nossa disponibilidade a ir à “outra margem”, aquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente?
3. Em que medida estão presentes e são significativas na vida do seminário as revistas missionárias, visitas de missionários, correspondências com missionários?

5. Missão... sem Esquecer a Meta

Tema

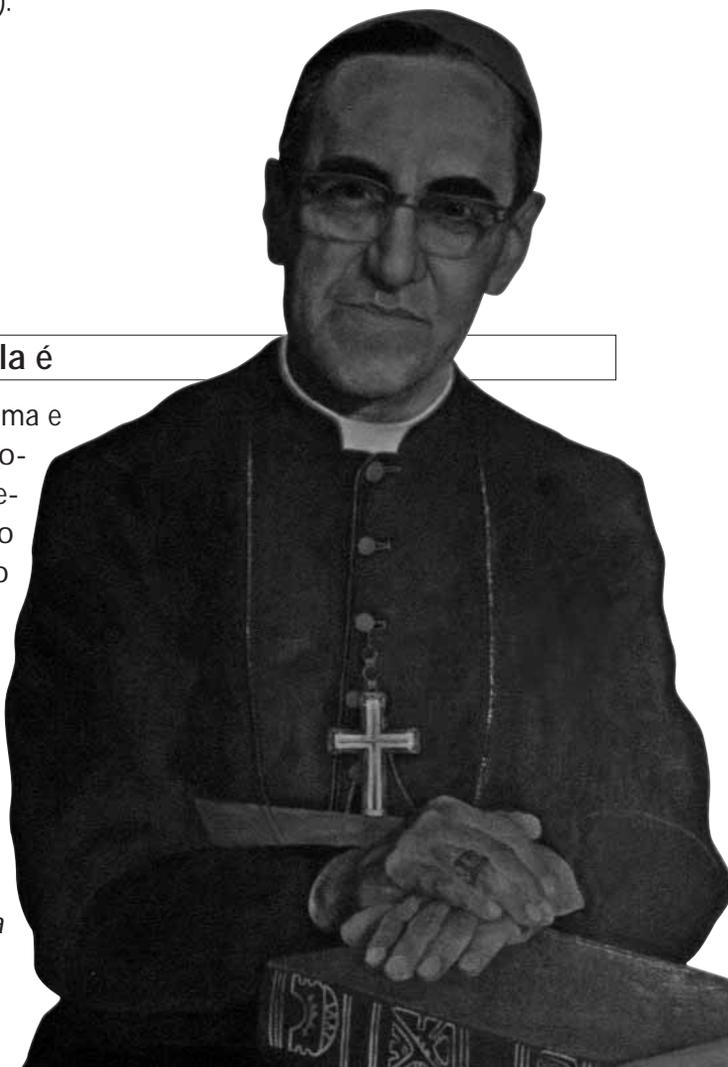
A dimensão pastoral da formação presbiteral para uma Missão sem-fronteiras.

Em Aparecida nossos bispos disseram

“O mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um **compromisso mais significativo** com a Missão universal em todos os Continentes” (DAp 376).

A vida como ela é

A Missão está íntima e inseparavelmente associada à vida. A 5ª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe deixou isso bem claro, desde sua convocação, que tinha como tema: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele Nossos Povos Tenham Vida: “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).*



Neste ano de 2010, a Igreja da América Latina celebra os trinta anos do martírio de D. Oscar Romero (†1980), Arcebispo de El Salvador.

Enquanto padre, Oscar Romero era um burocrata, homem mais de sacristias e bibliotecas, do que de uma atuação pastoral propriamente dita. Sua conversão, pelo menos à causa dos pobres e dos explorados, ocorreu depois de sua nomeação para as funções de bispo. Ele pôde perceber a miséria do seu povo e a violência dos poderosos, que matavam ou faziam desaparecer líderes, camponeses, padres, agentes de pastoral e tantos quantos fizessem sentir suas vozes em defesa do povo esmagado.

Apesar de ameaças, perseguições e boicotes, o bispo tornava suas palavras, em homilias, pregações e discursos, cada vez mais candentes, dirigidas e corajosas, denunciando tudo o que era feito no país como uma violação aos direitos do povo e à ética nacional.

Um grupo de bispos latino-americanos, em março de 1980, na cerimônia dos funerais de D. Romero, assinou um documento, que dizia:

“Três coisas admiramos e agradecemos no episcopado de D. Oscar Romero: foi, em primeiro lugar, anunciador da fé e mestre da verdade... Foi, em segundo lugar, um resolutivo defensor da justiça... Em terceiro lugar, foi o amigo, o irmão, o defensor dos pobres e oprimidos, dos camponeses, dos operários, dos que vivem nos bairros marginalizados.”

D. Vincenzo Paglia, postulador da causa de sua canonização declarou:

“Romero não era um bispo revolucionário, mas um homem da Igreja, do Evangelho e dos pobres.”

Em suas homilias, era a voz dos sem-voz. Suas pregações não eram coisas sofisticadas, cheias de palavras difíceis e intrincadas construções teológicas. Ele falava a linguagem simples do povo:

“Quando se dá pão ao faminto, chamam-nos de santo; se perguntamos as causas por que o povo tem fome, chamam-nos de comunistas ateus” (15/11/1978).

“Muitos desejariam que o pobre sempre dissesse que é pobre, por-

que 'é vontade de Deus' ser pobre. Não é vontade de Deus que uns tenham tudo e outros não tenham nada. Uma ideia assim não pode ser de Deus. De Deus é a vontade que todos seus filhos sejam felizes" (10/9/1978).

Romero nunca foi contra a riqueza. Combateu, isto sim, a acumulação desenfreada, a ambição, e aquilo que João Paulo II denunciara a partir do encontro de Puebla (1979): a existência de ricos cada vez mais ricos, à custa de pobres cada vez mais pobres.

Aos que o acusaram de "comunista", temos o veredicto do então Cardeal Ratzinger (hoje Bento XVI), que leu todos os seus discursos, homilias e demais escritos, tachando-os de "puro cristianismo", com absoluta fidelidade ao Evangelho de Jesus.

"D. Romero foi um bispo exemplar, porque foi um bispo dos pobres em um continente que carrega tão cruelmente a marca da pobreza das grandes maiorias, enxertou-se entre eles, defendeu sua causa e sofreu a mesma sorte deles: a perseguição e o martírio" (D. Samuel Ruiz Garcia, bispo emérito de San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México).

Romero foi modelo *ante litteram* do bispo delineado em Aparecida.

A Palavra de Deus

Naquele tempo, disse Jesus:

"Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê o lobo chegar e foge; e o lobo as ataca e as dispersa. Por ser apenas mercenário, ele não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste redil; também a essas devo conduzir, e elas escutarão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo,10,10-16).

A Igreja já vem falando faz tempo



“A educação dos futuros sacerdotes para o espírito missionário implica que o sacerdote deve sentir-se e agir, onde quer que se encontre, como pároco do mundo, ou seja, de toda a Igreja missionária. Ele é o animador nato e o primeiro responsável do despertar da consciência missionária nos fiéis. É ainda o Decreto *Ad Gentes .../...* a indicar claramente aos sacerdotes o que devem fazer, para suscitar nos fiéis o amor pelas Missões: avivem e conservem no meio dos fiéis o mais vivo interesse pela evangelização do mundo; inculquem nas famílias cristãs a necessidade e a honra de cultivarem as vocações missionárias no meio dos seus filhos e filhas; alimentem nos jovens o fervor missionário, de maneira que entre eles surjam futuros mensageiros do Evangelho; ensinem a todos a orarem pelas Missões, e peçam também o seu generoso contributo de dinheiro e meios. Mas para ter um coração e desenvolver uma ação pastoral dessa amplitude, é preciso uma sólida formação missionária, que deverá ser provida, antes de tudo, pelo seminário, durante os anos de preparação dos futuros sacerdotes. É importante que nos programas dos estudos teológicos a Missiologia tenha um lugar de relevo. Assim formados, os sacerdotes poderão, por sua vez, formar as comunidades cristãs para um autêntico empenho missionário. Será também desejável que eles, constituindo um único presbitério com o seu bispo, tenham a oportunidade de encontros de reflexão missionária, congressos, retiros e jornadas de espiritualidade tendo como centro a Missão” (Papa João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 1990*).



“O compromisso missionário continua sendo, portanto, como já foi dito outras vezes, o primeiro serviço que a Igreja deve à humanidade de hoje para orientar e evangelizar as transformações culturais, sociais e éticas; para oferecer a Salvação de Cristo ao homem do nosso tempo, em muitas partes do mundo humilhado e oprimido por causa de pobreza endêmicas, da violência e da negação sistemática dos direitos humanos. A Igreja não se pode omitir nesta Missão universal; a Missão tem para ela a força de uma obrigação” (Papa Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2007*).

Preparando o Congresso

A grande convocação feita pelos bispos da América Latina e do Caribe em Aparecida para que todos os cristãos se tornem discípulos-missionários tem um único objetivo: para que nossos povos tenham vida.

Mas, às vezes, temos a impressão de que muitos cristãos se conformam com a etiqueta de missionários, e esquecem o “para que nossos povos tenham vida”...

Depois de ter feito a lista das situações de pobreza mais chocantes (DAP 65 e 402), os bispos dizem-nos três coisas de fundamental importância:

- A situação dos pobres deve doer em nós.
- Para os pobres devemos ser advogados da justiça e defensores, até o martírio (DAP 395 e 396).
- Dos pobres devemos ser amigos, dar-lhes amável atenção, tempo, demonstrar interesse... (DAP 395-398).

Tudo isso só se aprende com muito treinamento pessoal e comunitário.

Teste

Os Pobres Doem em Nós? Quanto?

Questionamentos	Notas
Estimamos os valores dos pobres?	
Damos a eles nosso tempo?	
Respeitamos seu modo próprio de viver?	
Eles nos sentem seus advogados e defensores?	
Nós nos identificamos com seus legítimos desejos?	
Nós os acompanhamos nos momentos difíceis?	
Nós os escolhemos para partilhar nossa vida?	
Nós os escutamos com interesse?	
Prestamos a eles amável atenção?	
Somos seus companheiros de caminho, inclusive até o martírio?	

*Atribuir notas de 0 a 10.

Perguntas que não querem calar

1. Os problemas dos pobres, suas lutas e necessidades, como repercutem na vida do seminário?
2. O estilo de vida do seminário (alojamento, alimentação, horários, equipamentos, amizades...) prepara para uma vida simples e sóbria, na qual os pobres se sintam à vontade e edificados, ou para uma vida aburguesada e alienada?

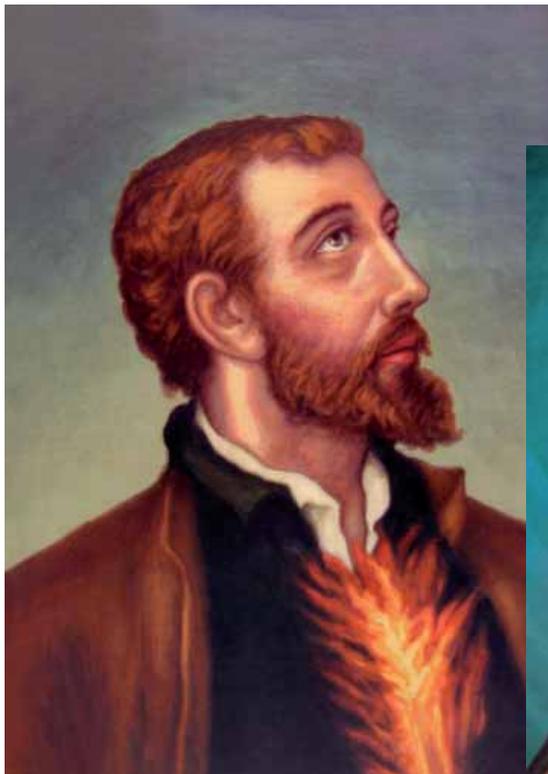
Missão e Partilha



Campanha Missionária 2010
Pontifícias Obras Missionárias
e Comissão Episcopal para a Amazônia

www.pom.org.br

Dia Mundial das Missões – Coleta Nacional – 23 e 24 de outubro



Centro
Cultural
Missionário



Pontifícias Obras Missionárias

